

MESA 3- A EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA E A CULTURA CONTEMPORÂNEA

Angélia Teixeira: Gostaria inicialmente de parabenizar a organização dos Estados Gerais por este raro acontecimento psicanalítico, como também agradecer, especialmente a Joel Birman, pelo convite para participar deste movimento que tem o mérito de reunir psicanalistas com diversas formações e procedências institucionais para discutirem questões essenciais e urgentes como a psicanálise e a política.

Quanto a esta nova sistemática de trabalho, função leitor, embora discutível, tem o poder de despertar. O que encontrei nos textos a mim destinados?

A leitura de textos tão diversos quanto às suas orientações teóricas e clínicas me levaram a percorrer as *vias do outro*, os *desfiladeiros do outro* em suas *muitas formas* como estou preferindo chamar, a questionar o *estatuto do outro* na atualidade e a rever a definição da *constituição e das patologias do outro*, nestes tempos em que o Outro (com letra maiúscula como escreveu Lacan) em sua dimensão simbólica, sofre certo declínio, revelado pelo tão citado declínio da função paterna. Pode-se constatar, hoje, a perda da mediação simbólica que o pai encarnava com sua autoridade simbólica, bem como seu equivalente em dimensão macro, mostrada pela perda da autoridade e autonomia do Estado em grande parte do planeta. Passa, portanto, a ser responsabilidade dos psicanalistas se ocuparem dos efeitos subjetivos produzidos pelo reinado da política neoliberal internacional e pelo capitalismo contemporâneo auxiliados pelo poder da tecnologia e dos meios de comunicação.

Pareceu-me oportuno remarcar as *vicissitudes do outro*, ou seja, o valor da *alteridade*, porque permanentemente se teoriza a respeito do sujeito da psicanálise, negligenciando, muito freqüentemente, que é imprescindível o *outro*, em sua dimensão imaginária, simbólica e real, para que se constitua a subjetividade.

Diria que encontrei nestes trabalhos um fio comum que foi se estabelecendo como uma espécie de construção com dupla intenção.

Por um lado, interrogar como é que este *outro incomum* que é o psicanalista ou o psicoterapeuta, enquanto *outro essencial do dispositivo*, está sendo afetado no seu trabalho clínico pelos efeitos do mal estar da sua época.

Por outro, os autores querem rever a adequação das técnicas na atualidade (vale ressaltar que nem todos os trabalhos se inscrevem exatamente no campo da psicanálise) e apresentam propostas técnicas que visam favorecer a humanização da condução clínica de modo a que os tratamentos escapem dos discursos dominantes e segregadores, podendo preservar o valor da sensibilidade humana e o prazer de viver aos sujeitos em análise.

Considero que toda e qualquer reflexão sobre a técnica é sempre bem vinda, sobretudo porque oferece uma chance para renovar o debate sobre a finalidade das psicanálises e das psicoterapias. Ademais, os autores estão atentos para que não se transforme a clínica psicanalista numa pura investigação científica ou em um espaço de confirmação do que já está estabelecido teoricamente.

Quanto às inquietações até aqui apresentadas, elas respondem de algum modo à convocação feita pelos Estados Gerais da Psicanálise, que trazem em sua própria concepção grande preocupação com as questões relativas à ética da psicanálise e aos seus laços sociais neste momento histórico. Demonstra não negligenciar o valor do *outro*, da alteridade na constituição do sujeito ao convidar políticos, intelectuais e pensadores de vários campos para debaterem e refletirem acerca dos problemas relativos a nossa época e de como a psicanálise deles participa.

Passando aos trabalhos, começo pelo de Maria Helena Fernandes, intitulado “Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista” que traz considerações atualizadas sobre o corpo no dispositivo psicanalítico.

Percorrendo exaustivamente a obra de Freud, a autora quer destacar a importância do elemento *alteridade* na constituição do ego corporal (posto que o ego é antes de tudo corporal) e na formação do corpo pulsional. Lembra que o corpo não se constrói sem o *outro*, principalmente o *Outro da linguagem*.

Sugerindo que há uma metapsicologia do corpo em Freud, convoca os analistas a trazerem o corpo de volta para a prática psicanalítica, como fez Freud, quando o resgatou da exclusão imposta pela racionalidade cartesiana e posteriormente pelos pós-freudianos, que negligenciaram o corpo e os conceitos de inconsciente e pulsão, deixando-os de fora e à deriva.

Observa que não é necessário o uso de nenhuma técnica corporal específica, porém o uso da própria técnica psicanalítica que no exercício da sua escuta, do manejo da transferência e da interpretação, deve estar advertida para as muitas dimensões do corpo do ser falante, sempre fora da medida por excesso ou falta, como mostra exemplarmente o sintoma.

Finalmente, sugere que o esforço para incluir o corpo no discurso psicanalítico representa uma das formas possíveis de resistência à devastação que o bio-poder dele tem feito. Recomenda, pois, aos analistas não desistirem da aposta essencial feita pela clínica psicanalítica de que *a fala afeta o corpo e a fala cura*.

O trabalho do meu colega de mesa, Daniel Kupermann, intitulado “Por uma outra sensibilidade clínica: fale com ela, doutor”, passa por vários autores enfatizando o valor de algumas noções clínicas feitas por Ferenczi, especialmente aquela que recomenda uma atitude de maior sensibilidade na escuta ao paciente.

Utilizando-se de um recurso bastante atual que é o cinema, recorre ao filme de Almodóvar, cujo nome está contido no próprio título do trabalho “Fale com ela”, para abordar o delicado assunto que interessa simultaneamente a Almodóvar, ao trazer a dimensão da sensibilidade da escuta no campo do cinema, e a Ferenczi, “aquele que conversava com seus pacientes mesmo em estado comatoso” no campo da psicanálise

O autor quer demonstrar aos analistas a necessidade de se desenvolver uma outra sensibilidade clínica para que se possa “atender as demandas impostas à clínica na contemporaneidade marcada pelo abandono e a dessensibilização”. Apela aos analistas para refletirem melhor sobre “a palavra em sua vocação originária”, pois a palavra é um ato de amor e traz uma dimensão erótica, como está posto no filme e no começo da psicanálise. Acredita que só é possível ser sensível na escuta frente ao analisante se não se perde esta dimensão do que Freud estabeleceu como sendo a relação erótica e de amor com a fala.

Segundo o autor, no início da psicanálise a palavra era do analisante e ganhou certa frieza quando passou a dar prevalência a uma certa inteligibilidade da fala em lugar do que ela traz originalmente, deixando de ser um ato de amor e passando a ser um ato de verdade, que resultou em deixar a psicanálise de ser *a arte da escuta* para se transformar na *ciência da interpretação*.

Pergunta-nos, “até que ponto Freud instaura esta frieza da escuta, da interpretação, do distanciamento do que está posto originalmente, como o modo do analista se proteger do que tem de erótico naquela fala, naquela circunstância?”.

Para concluir, lembraria uma outra fundamental referência ao *outro*, feita pelo autor que é a *instituição psicanalítica*, endossando suas palavras sugestivas de que se analise a política das instituições psicanalíticas para que não atrapalhem demasiadamente as análises e a chance do dispositivo psicanalítico operar preservando a posição do analista no seu discurso.

O trabalho de Tânia Maria Waisberg, Maria Cristina Lousada Machado e de Adriana Micelli Baptista, intitulado “Sofrimento Humano e Psicanálise Contemporânea”, está baseado no

princípio de que a psicanálise tradicional tem se revelado insuficiente para dar conta do sofrimento humano gerado pelas traumáticas condições de vida na atualidade.

As autoras estão interessadas numa volta à vida e ao encontro inter-humano, repudiando o estudo objetivante e dissociado das representações do aparelho psíquico, de sistemas consciente e inconsciente e de pulsões, razão pela qual vão buscar práticas clínicas capazes de contemplar o fenômeno humano de forma a respeitar sua verdadeira condição existencial na abordagem do sofrimento humano e da exclusão.

Para elucidar o sofrimento humano e a exclusão evocam o que Winnicott chamou de psicótico normal, lembrando que o sofrimento e a condição de ser excluído da vida do psicótico concerne a todos nós, sobretudo na atualidade, quando somos todos, digamos, transtornados pelos nossos procedimentos contemporâneos.

Propõem uma terapêutica diferenciada da psicanálise tradicional, buscando inspiração nas estratégias clínicas apresentadas por D. W. Winnicott e fundamentadas nos pressupostos de J. Bleger.

O trabalho Marize Toubol intitulado, “Resistencias y negatividad em el psicoanalysis: un lugar de pensamiento único com el nombre de: inconsciente” apresenta uma terapêutica nova que se chama *psilife* ou o *ensino das leis da vida*.

O conceito de resistência aqui empregado não coincide com o freudiano. Faz sua própria definição de resistência baseada nas suas idéias de convocação à vida, de voltar à vida, considerando que se está longe dela, como sugere sua terapêutica. Certamente a autora poderá desenvolver um pouco mais suas hipóteses após o término dos trabalhos da mesa.

E por último Mário Orozco Gusmann, cujo trabalho se intitula “El cuerpo del delito. Introduccion a un estudio freudiano sobre el crime”.

Observa que Freud tratou dialeticamente a relação crime-culpa invertendo a lógica cristã que coloca a culpa posterior ao crime. A lógica regida pelo crime-culpa-castigo é a que ordena a moral cristã diferentemente daquela da psicanálise que considera a culpa como sendo o que engendra o crime. O que a teoria estabelece é que a consciência de culpa preexiste à falta e que a falta provém da consciência de culpa. Trata-se neste caso de uma consciência de culpa de origem desconhecida chamada inconsciente.

O sentimento de culpa de acordo com a teoria freudiana remonta ao Édipo em sua interdição e à constituição do supereu, instauradores do campo da lei na psicanálise.

No caso do criminoso, ele busca seu próprio mal porque pode prever a incidência da lei. E, em última instância, seu ato está impregnado da lei pela força do supereu. De acordo com o pensamento freudiano, sugere: o criminoso é aquele que está de modo paradoxal implicado com a lei.

O autor traz uma observação muito interessante sobre a teoria psicanalítica do crime, do criminoso e do ato de delito ao lembrar que o *crime e o parricídio* estão na base da concepção do Édipo, portanto na base da teoria freudiana.

Como no momento me ocupo de estudar questões relativas à violência na contemporaneidade, pergunto ao autor o que tem a dizer a respeito da seguinte questão: faz a violência hoje algum laço social ou é pura ruptura dele?

Obrigada.

Angélia Teixeira